



SERÁ QUE SOU MESMO PROFESSOR/A?: A identidade docente pelo olhar do outro

Eloisa Terezinha Teles Curado¹
Universidade Estadual de Goiás

Viviane Pires Viana Silvestre²
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Ao refletirmos sobre a identidade profissional de professores/as de línguas, percebemos que a (re)construção constante do eu-docente se dá por meio do olhar para si e, também, do outro. Nesse viés, o objetivo deste texto é refletir sobre a (re)construção da identidade docente de professores/as de línguas no período de inserção profissional levando em conta suas percepções sobre comentários de outras pessoas acerca de sua atuação docente. Para tanto, consideramos as percepções de três egressas do curso de Letras Português/Inglês de uma universidade pública do estado de Goiás, expressas em conversas individuais que fazem parte do material empírico de uma pesquisa de mestrado em andamento. Vale ressaltar que o cenário do estudo se baseia no período de inserção profissional, ou seja, no processo de entrada na carreira docente. A metodologia do estudo é de base qualitativo-interpretativista (Moita Lopes, 1994). Pessoa e Urzêda-Freitas (2015), Mastrella-de-Andrade, Castello e Nascimento (2022), Freire (1987) e Alves et al. (2007) contribuem com as reflexões aqui traçadas em diálogo com as três egressas, fomentando nossa discussão acerca da (re)construção da identidade docente. O estudo parece indicar que comentários ditos e até olhares sentidos são influenciáveis no eu-docente, principalmente no processo de inserção profissional, pois é um cenário repleto de muitas inseguranças sobre o ser/estar/tornar-se professor/a. Uma identidade já ferida após ser atingida por comentários que causam sofrimento pode ter o desfecho de uma percepção de si distorcida e ser, até mesmo, destruída. Por outro lado, o incentivo do outro pode impulsionar o/a docente, proporcionando novas noções de si.

Palavras-chave: Identidade docente. Sentimentos. Egressas/os. Língua.

Para início de conversa

As interações, tanto as consideradas positivas quanto as tidas como negativas, são intermediadas na/pela língua(gem), e nesse contato com o outro não há como desconsiderar os sentimentos. Essa perspectiva fica evidente no estudo bibliográfico qualitativo-interpretativista de Silvestre, Ramos-Soares e Sabota (2020, p.446), que visa entender se/como pesquisas que

¹ Discente do Programa Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias, na Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UGEG). E-mail: eloisatelescurado@hotmail.com

² Docente do Programa Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias, na Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UGEG). E-mail: viviane.silvestre@ueg.br



relacionam o corpo gordo como uma questão social constitui os trabalhos da Linguística Aplicada no Brasil, em que levam em conta que “os sofrimentos, privações e opressões estruturais vividas por pessoas gordas – nomeadamente gordofobia – se constituem e são cotidianamente nutridas na e pela linguagem.”.

Pessoa e Urzêda-Freitas (2015, p.139), ao se referirem ao viés de sofrimento causado pela língua, compreendem que “as ofensas performadas pela língua, sobretudo as de cunho discriminatório, (re)produzem efeitos nocivos a quem são endereçadas, efeitos esses que repercutem tanto na esfera pessoal do sujeito quanto na realidade social mais ampla do contexto em que ele está situado.”. Nesse contexto, entendemos que a língua não é somente um conjunto de estruturas ou, então, de possibilidades de comunicação, mas, como argumentam, ainda, Pessoa e Urzêda-Freitas (2015) apoiados nos conceitos de Ibrahim (2003, p. 171), “é dentro e por meio dela que formamos e performamos nossa identidade social e negociamos a história e as relações sociais e históricas”.

Além disso, Mastrella-de-Andrade, Castello e Nascimento (2022) argumentam em seu estudo, com a perspectiva da identidade do/a professor/a de inglês nas mídias, sobre a construção da identidade de maneira relacional e com associações. Nessa esteira, Oliveira (2017, p.127) discute que “é possível verificar que a docência é construída, desconstruída e reconstruída mediante as experiências com os outros”, o que nos reforça a ideia de que esse processo de construção abarca influências externas ao sujeito, sem um caráter de egocentrismo, como também argumenta Cruz (2021) em relação à interação dos indivíduos nesse processo identitário. Além disso, é importante levar em conta que “[...] as posições de identidade são permeadas de relações de poder.” (Mastrella-de-Andrade; Castello; Nascimento, 2022, p.88).

Alves *et al* (2007, p.273) argumenta, levando em conta os posicionamentos de Dubar (2005), dois processos que se aproximam dessa discussão, sendo eles os “processos biográficos – identidade para si (o que o indivíduo diz de si mesmo, o que pensa ser, ou gostaria de ser), e os processos relacionais – identidade para outro (quem o outro diz que eu sou, a identidade que o outro me atribui)”. Vale ressaltar que a constituição identitária não é basicamente uma união desses dois processos, pois não é considerado como algo acabado, “a constituição das identidades está sempre em movimento” (Alves, 2007, p. 283), em que pode ser construída, desconstruída e refeita novamente.



Sendo assim, o objetivo deste texto é refletir sobre a (re)construção de identidade docente de professores/as de línguas, levando em conta questionamentos vindos de comentários de outros/as pessoas sobre o ser-professor/a. Isso será possível a partir de falas de três egressas³ do curso de Letras Português/Inglês de uma universidade pública do estado de Goiás, em que foram expressas em conversas individuais que fazem parte da construção do material empírico de uma pesquisa de mestrado que está em andamento. Vale ressaltar que o viés do estudo se baseia no período de inserção profissional, ou seja, o processo de entrada na carreira docente. A metodologia parte do qualitativo-interpretativista, em que Moita Lopes (1994) argumenta que esse tipo de pesquisa de interpretação abre portas para várias possibilidades e pluralidades de sentidos, em que tal movimento é parte dos estudos da Linguística Aplicada. Mas, esse campo não é o ponto de parada, pois busca horizontes outros, não no intuito de criar uma nova metodologia, mas de “reconhecer os **trieiros**” (Silvestre; Rosa-da-Silva, 2022, p. 162 – grifo das autoras).

O espelho da docência: olhando para si e para o outro

Ao refletir sobre a identidade dos/as professores/as a metáfora que vem à mente é a do espelho, em que a (re)construção constante do eu-docente se dá por meio do olhar para si e, também, nesse reflexo conseguir ver as pessoas ao redor e como elas te veem. Esse ato de se ver traz à mente a perspectiva do autoquestionamento que possibilita um percurso até mesmo de autoconhecimento. É no olhar para si e se colocar em uma posição de reflexão nas situações que ocorrem ao nosso redor, e em nós.

Quando olhamos ao nosso redor é possível perceber uma característica estereotipada do “ser professor/a”, em que é aquele/a com postura rígida, que coloca a sala em ordem e é inimigo/a do barulho. Essa perspectiva recorda o cenário da educação bancária discutida por Paulo Freire (1987) em que a/o professor/a está em sala de aula para depositar os conteúdos em

³ Os nomes das egressas não serão mencionados, a referência será por meios do ano de conclusão do curso. Por exemplo: “egressa 2017”



seus/suas alunos/as, os/as quais estão ali apenas como recipientes. Isto é, não há uma relação construída de diálogo, o objetivo das aulas são apenas o conteúdo estrutural e ponto final.

Nesse sentido, durante a conversa com a Egressa 2017, no contexto da presença das professoras regentes do ensino fundamental na sala de aula junto à professora de língua inglesa, fomos levadas a refletir sobre dois pontos: o diálogo e a relevância do/a professor/a em sala. O sentido expresso foi que “[...] nós precisamos conversar, nossa aula não é silêncio, nossa aula é diálogo, comunicação, trabalho em grupo, e aí às vezes elas entraram [as professoras regentes]: ‘nossa, que barulho, que bagunça’. E aí nesse momento eu não me sinto tão importante quanto elas, talvez.” (Egressa 2017 – 19 de abril de 2023)

Primeiramente, a questão do diálogo é colocada em pauta, é preciso falar em sala de aula, tanto os/as professores/as quanto os/as alunos/as. É claro que há a necessidade de organização e respeito mútuo, isso é inquestionável, mas não significa que todos/as devem estar extremamente paralisados, sem voz nem vez. Outro ponto levantado é de não se sentir importante. Podemos perceber que através da repreensão do barulho, assim como o da presença de outras professoras na sala, surge o questionamento de sua relevância naquele ambiente, gerando uma dúvida acerca de quem se é.

Nesse contexto de dúvida, a egressa 2018 também menciona sobre o questionamento do seu ser-professora após um comentário de uma colega de trabalho:

[...] tinha uma professora que vivia falando no meu pé: ‘olha, você não serve pra dar aula de inglês, não, porque você aprendeu inglês na faculdade, na faculdade a gente não aprende inglês, não o suficiente pra dar aula’. Aí nesse ponto eu não tinha muito o que falar, não, porque eu já me sentia assim, já te contei, me sentia insegura. Mas, mesmo assim machuca, porque a gente está lá preparando uma aula, está lá se dedicando, para a pessoa simplesmente virar e falar que você não serve pra dar aula, sendo que ela nunca viu uma aula sua [...]. (Egressa 2018, 31 de março de 2023)

Esse tipo de comentário fere a identidade que está sendo (re)construída, como a egressa 2018 relatou, isso machuca, pois começa gerar dúvida do lugar que está se está inserido/a. Essa realidade nos recorda a noção de sofrimento que é causada pela língua, discutida por Pessoa e Urzêda-Freitas (2015). Então, além da insegurança que ela carregava na perspectiva de se reconhecer professora de inglês pode ser que tenha sido intensificada ao escutar essa menção vinda da professora, o que contribui para a (trans)formação da identidade, levando em conta o



que Dubar (2005 apud Alves et al., 2007) argumenta sobre a identidade também se relacionar ao que o outro diz que eu sou, em um movimento relacional.

Nessa esteira, com um olhar voltado para as contribuições positivas no eu-docente, a Egressa 2021 relata que se surpreendeu com alguns comentários relacionados ao seu trabalho, causando um sentimento de orgulho e felicidade:

[...] na saída eu ouvi coisas muito positivas de pessoas que eu admirava lá e que eu não imaginei que me enxergavam dessa forma, porque eu não me via daquele jeito. Então, foi [...] em relação a minha postura profissional, [disseram] que eu era uma boa profissional, que eu iria fazer falta, e que eu estava fazendo muito bem o meu trabalho. E, eu não sei, acho que às vezes eu julgo muito o que eu estou fazendo, então quando eu ouvi de pessoas que eu admirava lá e que eu achava tão mais capazes do que eu me dizendo que eu fiz algo muito bom foi um sentimento muito bom. (Egressa 2021, 11 de abril de 2023)

Acredito que esse tipo de situação abarca contribuições para o/a professor/a que está em constante (trans)formação, não que seja necessário uma *feedback* dos/as colegas ao seu redor, mas quando há um olhar do fora é como se, em uma vertente metafórica, a imagem do espelho tomasse novos horizontes, talvez antes inimagináveis, como a professora ressalta no comentário: “a gente fica: ‘Caramba, eu fiz mesmo isso, eu fiz bem’” (Egressa 2021, 11 de abril de 2023).

Não um fim, mas aberturas para novos começos

O ambiente escolar, e não só ele, é um meio repleto de identidades em movimento, autoquestionamentos, questionamentos dos/para os outros e reflexões constantes. Esse mover identitário não se (re)constrói só, há fatores externos influenciáveis. Não há como separar a identidade do sentimento, pois aos poucos vamos nos sentindo professores/as, levando em consideração que somos inacabados/as (Freire, 1987) na mesma vertente que somos inteiros. E, nesse inacabamento, comentários ditos e até olhares sentidos são influenciáveis no eu-docente, principalmente no processo de inserção profissional, pois é um cenário repleto de muitas inseguranças sobre o ser/estar professor, como as próprias Egressas 2017, 2018 e 2021 expressaram.



Sendo assim, as falas ouvidas, e sentidas, não são palavras jogadas ao vento, mas são parte de um processo de (auto)reconhecimento. Uma identidade já ferida após ser atingida por comentários que causam sofrimento podem ter o desfecho que uma percepção de si distorcida, e ser até mesmo destruída. Da mesma forma, o incentivo pode impulsionar o/a docente, proporcionando novas noções de si. No entanto, sabemos que a (re)construção do ser-docente é muito mais do que está aqui exposto, mas esta é apenas um pequeno pedaço desse grande espelho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Clauade. da S. et al. Identidade profissional de professores: um referencial para pesquisa. **Educação & linguagem**, ano 10, n. 15, p. 269-283, jan.-jun.2007.
- CRUZ, Clérison Jesus da. Um estudo sobre a construção da identidade docente. **Cadernos de Aplicação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2021
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 e.d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MOITA LOPES, Luiz P. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada**: a linguagem como condição e solução. Delta, v. 10, n. 2, 1994.
- MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa; CASTELLO, Ana; NASCIMENTO, Gabriel. Identidades de professores/as de inglês na mídia: tendências à homogeneização e possibilidades de contradiscurso. In: SILVA, K.A.; ed. **Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania**. Brasília: Editora UnB, 2022. P. 81-104. ISBN: 978-65-5846-133-3. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786558461647.0006>
- OLIVEIRA, Hélvio Frank de Oliveira. **Esculpindo a profissão docente**. São Leopoldo: Oikos; Anápolis: Editora UEG, 2017.
- PESSOA, Rosane Rocha.; URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de. Língua como espaço de poder: uma pesquisa de sala de aula na perspectiva crítica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, n. 1, p. 133-156, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820158394>.
- SILVESTRE, Viviane Pires Viana; SOARES, Wilker Ramos; SABOTA, Barbra. Corpos gordos (In)visibilizados na Linguística Aplicada. **Raído**, v. 14, n. 36, p. 444-464, 2020.
- SILVESTRE, Viviane Pires Viana Silvestre; ROSA-DA-SILVA, Valéria. Por horizontes metodológicos outros na Linguística Aplicada: contribuições de pesquisas cá do cerrado central do Brasil. In: SILVESTRE, Viviane Pires Viane Silvestre; BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira; URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de; FERREIRA, Edilson Pimenta.(Org) **Movimentos críticos em educação linguística**: Um gesto de afetos e gratidão a Rosane Rocha Pessoa – 1 ed. – São Paulo: Pá de Palavra, 2022.
- SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professoras/as de línguas**: Teorizações construídas em uma experiência com o PIBID. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.